

UC Berkeley

UC Berkeley Previously Published Works

Title

A natureza da Ciência da Informação e a sua importância para a sociedade.

Permalink

<https://escholarship.org/uc/item/23s4j0sp>

Author

Buckland, Michael

Publication Date

2018

DOI

10.5433/1981-8920.2018v23n2p01

Copyright Information

This work is made available under the terms of a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives License, available at

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Peer reviewed

A NATUREZA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A SOCIEDADE. AULA INAUGURAL 2018 DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA), BRASIL

THE NATURE OF INFORMATION SCIENCE AND WHY IT IS IMPORTANT FOR SOCIETY. LECTIO INAGURALIS 2018 AT THE POST-GRADUATE IN INFORMATION SCIENCE, FEDERAL UNIVERSITY OF PARÁ (UFPA), BRAZIL

Michael Keeble Buckland^a

Editado e Traduzido por Cristian Berrío Zapata^b

RESUMO

Introdução: O professor Michael Buckland proferiu uma palestra na pós-graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal do Pará, Brasil, em dezembro 12 de 2017. **Objetivo:** Nesta palestra o professor Buckland relatou como se tornou bibliotecário e compartilhou os ensinamentos das suas experiências na Universidade de Lancaster, na Universidade Purdue e na Universidade da Califórnia. Aprofundou sobre como desenvolveu uma "anatomia comparada da Ciência da Informação" e como uma coleção de pássaros mortos inspirou seu trabalho sobre a "Informação como coisa", que se tornou um clássico para todos os cientistas da área. Também comentou sua decisão de resgatar figuras históricas esquecidas na área: Suzanne Briet, Emanuel Goldberg e Lodewyk Bendikson (BUCKLAND, 2006, 2012a). **Metodologia:** A exposição do professor Buckland utilizou sua biografia como uma ferramenta para explicar suas observações a respeito da gestão na área de sistemas de informação e bibliotecas, suas propostas teóricas, e sua posição sobre o papel da Ciência da Informação na sociedade. **Conclusões:** Para encerrar, o professor Buckland fez uma reflexão sobre o impacto social da Ciência da Informação e seu impacto na construção de uma sociedade conscientizada sobre a qualidade da informação e os efeitos da sua falta, em relação aos problemas significativos.

^a Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Sheffield. Professor Emérito da Escola de Informação da Universidade de Califórnia, Berkeley. E-mail: buckland@ischool.berkeley.edu

^b Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista UNESP. Professor da Faculdade de Arquivologia e Coordenador da Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: berriozapata@ufpa.br

Descritores: Ciência da Informação. Michael Buckland. Bibliotecário. Brasil. Gestão.

1 INTRODUÇÃO

Em 12 de dezembro de 2017, o professor Michael Buckland fez a Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Pará, Brasil (UFPA). O significado especial desta palestra não foi apenas que este programa é o mais novo na Ciência da Informação no Brasil, mas que é o primeiro a ser constituído na Região Norte do país, um imenso território que corresponde a 80% da bacia amazônica.

A região Norte do Brasil inclui sete estados e soma 45% do território brasileiro; uma área que é maior do que a Índia. Em contraste, a região é escassamente povoada, com uma densidade de um habitante por cada 4,6 km, e tem o menor produto interno bruto (PIB) em toda a confederação brasileira, com apenas 5% do rendimento nacional bruto (PNB) do país.

O Estado do Pará é o mais populoso da região e possui o maior PIB, condições que favoreceram a evolução da UFPA como a universidade mais importante do Norte, e um dos motores do seu desenvolvimento. No entanto, um enorme trabalho em educação precisa ser feito, e estamos no início de um desafio em longo prazo: construir uma sociedade educada que seja capaz de criar um estado justo de bem-estar, respeitando e cuidando ecologicamente da bacia amazônica.

A Aula Inaugural do professor Buckland no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPA inspirou nossos alunos com uma calorosa narração da história da sua vida na academia, e esclareceu o papel da Ciência da Informação (CI) nas sociedades que estão em fase inicial de amadurecimento dos seus projetos futuros de desenvolvimento: como ele disse, 'A CI é importante, porque ensinar as pessoas a identificar o que elas sabem ou o não sabem é importante'.

2 OS PRIMÓRDIOS: TORNAR-SE BIBLIOTECÁRIO PROVISORIAMENTE

Seu convite é uma honra para mim. A Ciência da Informação brasileira tem a reputação fora do Brasil de ser bem dinâmica. Em parte, isso ocorre porque os professores são ativos e, em parte, porque há uma disposição para se envolver com as diferentes tradições da Europa e da América do Norte.



Figura 1 - O jovem Michael Buckland quando adolescente, pronto para se converter em bibliotecário. Fonte: Arquivos pessoais.

Seu programa é um programa novo e isso é emocionante. Eu também passei por um programa novo em Ciência da Informação na Universidade de Sheffield, na Inglaterra, em 1964, há muito tempo, e em 1965 fui trabalhar em uma biblioteca recentemente inaugurada, em uma nova universidade: a Universidade de Lancaster. A universidade tinha um ano de ser fundada, e foi muito emocionante. Quando uma biblioteca é pequena como aquela biblioteca era, como bibliotecário você faz muitas coisas diferentes; assim que aprendi muito.

O professor Berrío-Zapata me pediu para falar sobre minhas experiências e ideias sobre Ciência da Informação, assim que vou relatar algo da minha vida. Eu nasci e fui educado na Inglaterra. No ensino médio me especializei nas humanidades, principalmente em história europeia e literatura francesa. Depois, na Universidade de Oxford estudei história, apenas história. Aprendi que a sociedade é muito complexa e que culturas diferentes têm perspectivas diferentes.

Quando eu era adolescente, meus pais me perguntaram que tipo de trabalho eu faria, que tipo de carreira profissional tinha planejado. Eu não sabia e não queria discutir isso, mas eles continuavam me perguntando. Pensei que se eu desse uma resposta, qualquer resposta, parariam de perguntar. Eu achava que as bibliotecas eram instituições socialmente benéficas e, provavelmente,

lugares agradáveis para trabalhar. Então, eu disse que me tornaria bibliotecário, provisoriamente, até encontrar algo mais interessante para fazer. Sessenta anos depois, essa ainda é a minha posição. Estou neste campo temporariamente, provisoriamente, até encontrar algo mais interessante. Até agora não encontrei nada mais interessante para fazer.

Depois de meu bacharelado em história, trabalhei como estagiário na biblioteca da Universidade de Oxford por um ano, onde aprendi duas coisas: primeiro, aprendi catalogação e, segundo, o alto custo



Figura 2 - Na Universidade de Sheffield (1964) como estudante de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Fonte: Arquivos pessoais.

de uma má administração, que resulta no desperdício do tempo e das habilidades dos funcionários. Se a administração não for eficaz, isso criará problemas profundos. Estas duas lições tiveram um impacto importante na minha carreira. Fiquei muito interessado em estudar a administração eficaz e continuei preocupado com a catalogação e o acesso bibliográfico.

Depois do meu treinamento em Oxford, fiz parte de uma das primeiras turmas de estudantes da nova Escola de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade de Sheffield. Esqueci logo a maior parte do que eles me ensinaram, mas aprendi uma atitude: enquanto as coisas estejam sendo bem feitas, provavelmente há uma maneira melhor de fazê-las. O bibliotecário tem a responsabilidade de tentar projetar e programar um serviço melhor. Mas deve hesitar em criticar exageradamente as bibliotecas existentes, pois todas as bibliotecas herdam sistemas antigos e não podem mudar facilmente. Deve-se tentar encorajar e ajudar nas mudanças.

Meu primeiro emprego como bibliotecário profissional foi na Universidade de Lancaster, uma universidade nova e uma nova biblioteca. Cheguei depois de ter ensinado por um ano. A biblioteca ainda era muito pequena e foi uma

experiência maravilhosa porque pude fazer um pouco de quase todas as diferentes atividades de um bibliotecário. A administração da universidade e o diretor da biblioteca queriam projetar os serviços bibliotecários para o futuro, assim que, trabalhei em tempo integral por cinco anos em um grupo de pesquisa



Figura 3 - Primeiro emprego como bibliotecário profissional na Universidade de Lancaster. Fonte: Arquivos pessoais.

que pesquisava como os serviços de biblioteca poderiam ser melhor fornecidos. Começamos com uma pergunta muito simples: com que frequência os livros estão disponíveis quando as pessoas precisam deles? E como você pode aumentar a probabilidade dos leitores encontrarem os livros que procuram? Esta é uma questão básica, mas ninguém a tinha estudado. O problema real é com os livros mais recentes, pois muitas pessoas os querem ler, e não inclui os muitos livros que raramente são solicitados. Você pode comprar cópias extras ou reduzir o período

de empréstimo. Coletamos dados e usamos um computador para calcular os efeitos das diferentes opções. Conseguimos aumentar a qualidade do serviço, e a probabilidade de encontrar livros desejados. Também descobrimos que o uso dos serviços da biblioteca é muito sensível. Pequenos aumentos na qualidade do serviço produzem grandes incrementos no uso que as pessoas fazem da biblioteca. Ao aumentar a probabilidade das pessoas acharem os livros que precisavam, o uso da biblioteca duplicou em dois anos. A demanda se adapta à qualidade do serviço. Eu consegui incluir esta pesquisa na minha dissertação de doutorado apresentada na Universidade de Sheffield. Mais tarde, foi publicada como um livro: *Disponibilidade de livros e o usuário da biblioteca* (BUCKLAND, 1975).

3 MUDANDO PARA OS ESTADOS UNIDOS E ESTUDANDO OS PROBLEMAS DO GERENCIAMENTO DAS BIBLIOTECAS

Em 1972, mudei para os Estados Unidos, para as bibliotecas da Universidade Purdue, não muito longe de Chicago. Eu era responsável pelas



Figura 4 - Na Universidade da Califórnia, campus de Berkeley (1983 - 1987). Fonte: Arquivos pessoais.

aquisições, a catalogação, e o desenvolvimento de sistemas. Era um grupo de bibliotecas com um milhão de volumes. Aqui, os problemas da biblioteca eram principalmente “problemas de pessoas” desenvolvidos depois de muitos anos de gestão insatisfatória. Os bibliotecários e os outros funcionários estavam infelizes. Muitas vezes não ficava claro quem era responsável pelo quê existia uma coordenação deficiente. Então, fizemos um amplo estudo dos problemas de gerenciamento do local. Formamos um grupo de estudo dentro da biblioteca e depois nos questionamos sobre cada problema e quais

poderiam ser as soluções. Houve muita discussão, o que resultou em uma centena de recomendações que foram cuidadosamente aplicadas. O serviço de biblioteca melhorou e as pessoas estavam felizes. Isso me mostrou a importância da forma em que você ajuda os funcionários. A maior parte do orçamento de uma biblioteca não é gasto em livros, é gasto em pessoas e, se você investe essa quantidade de recursos com as pessoas, deve fazê-las felizes e eficazes, com responsabilidades claras, excelente comunicação e planejamento. Aprendi muito.

Neste momento, no campus da Universidade da Califórnia em Berkeley, se estava discutindo sobre a Escola de Biblioteconomia. O relatório do comitê da escola afirmava que a educação dos bibliotecários para trabalhar em bibliotecas era importante, mas outras escolas já estavam fazendo isso também. Existia outro problema maior: as atividades de biblioteca externas as bibliotecas. O

gerenciamento de documentos e dados fora das bibliotecas precisava de pesquisa e educação profissional apropriada. Concordou-se que a escola de Berkeley deveria fazer uma mudança estratégica de direção: (i) atender os problemas de documentação fora das bibliotecas; e (ii) tratar a documentação de biblioteca tanto quanto a documentação não bibliotecária de maneira unificada. Conversamos sobre a identificação e a guarda de documentos e dados para as pessoas usarem em qualquer contexto. E assim cheguei a ser diretor da escola Berkeley para ajudar nessa mudança.

A mudança de trabalhar somente em bibliotecas para bibliotecas, estendendo-se para arquivos, gestão de registros, bancos de dados e até museus, envolve diferentes especialidades que são semelhantes em conceitos e técnicas. Portanto, é mais eficiente ter diferentes especialidades superpostas em um programa de Ciência da Informação, respeitando o que é particular a cada disciplina e compartilhando o que é comum. Por exemplo, a responsabilidade de um arquivista é diferente da responsabilidade de um bibliotecário. No passado, os programas educacionais para arquivistas e bibliotecários eram separados. Cada um deles requer conhecimento especializado, isso é claro, mas muito do que precisam saber sobre os fenômenos informacionais, políticas de informação, tecnologia informática e organização da informação é comum a ambas disciplinas. Portanto, especialidades com programas superpostos em um mesmo departamento fornecem melhores resultados e são mais econômicos. É o que os economistas chamam de "economias de escopo", bem como "economias de escala".

Naquela época, a Universidade da Califórnia tinha cem bibliotecas em nove campi, portanto, a dimensão era enorme, muito maior do que a Biblioteca Britânica e do que todas as bibliotecas universitárias da Austrália somadas. Mas o sistema de bibliotecas da Universidade da Califórnia estava em crise. Após receber fortes críticas de funcionários do governo, foi adotado um plano radical para seu desenvolvimento custo-eficiente. Em vez de ter uma centena de bibliotecas em nove campi agindo de forma mais ou menos independente, foi decidido que existiria um só plano para toda a universidade: um sistema único

de bibliotecas estendido nos nove campi. E para fazer isso, as pessoas teriam que cooperar. O plano incluía a criação de armazenamento compartilhado de baixo custo para livros pouco usados e o desenvolvimento de um catálogo único on-line, compartilhado e inovador, com todos os livros; desta forma qualquer leitor em qualquer biblioteca poderia saber quais livros estavam em todas as outras bibliotecas. Foram planejados prédios novos, uma rede de telecomunicações multi-campi e muito mais. Isso foi antes da Internet, antes da Web, assim que tivemos que construir toda essa rede inovadora sem esse tipo de ajudas. No entanto, o pano de fundo era a mudança evolutiva em longo prazo do papel impresso para a tecnologia digital. O papel do coordenador era muito importante, mas, em 1983, o funcionário responsável pela coordenação dos serviços de biblioteca renunciou e foi requerida uma substituição urgentemente. Perguntaram-me se eu aceitaria ser o coordenador temporariamente e concordei. Mas os problemas eram tão interessantes e a necessidade era tão grande, que decidi deixar de ser diretor da Escola de Biblioteconomia e me tornei coordenador em tempo integral. Era um trabalho apaixonante, mas também muito estressante.

Parte da questão fundamental eram os efeitos em longo prazo dos computadores e das redes digitais. O propósito das bibliotecas não muda, mas os métodos mudam muito. Um dos resultados dessa experiência foi escrever um pequeno livro para pessoas não bibliotecárias, mas participantes de comitês de planejamento de bibliotecas: *Redesenhar serviços de biblioteca: Um manifesto* (BUCKLAND, 1992). De tempo em tempo, em todas as universidades há comitês para pensar as bibliotecas, planejar um novo prédio, ou desenvolver um plano estratégico para encontrar um novo diretor para a biblioteca. Então, qual seria o melhor documento possível para colocar nas mãos destas pessoas que não são bibliotecárias? Isso é o que eu tentei fornecer com este livro. O trabalho como coordenador foi importante e aprendi muito, mas foi difícil e significou muito trabalho duro. Depois de quatro anos, decidi que era hora de fazer algo diferente.

Voltei para a Escola de Biblioteconomia em 1988 como professor. Lá ministrei cursos em duas áreas: a primeira foi planejamento e gestão de

diferentes tipos de serviços bibliotecários; e a segunda foi catalogação, bibliografia, organização de informações, indexação e metadados, com ênfase em vocabulário e linguagem. Dar ênfase em tópicos culturalmente sensíveis (morte, herança cultural, política, raça, sexo, etc.) tornou tudo mais interessante.

Também fazia parte de um grupo chamado *Metadata Research Group* que explorava ideias sobre vocabulário principalmente. As pessoas usam palavras de forma diferente, não só em diferentes idiomas, mas também em diferentes comunidades e diferentes especialidades. Toda especialidade desenvolve suas próprias costumes e linguagem, uma cultura distintiva. Trabalhamos durante vinte e cinco anos em uma série de estudos sobre como fornece sistemas de suporte que poderiam tornar a busca mais fácil e eficaz. Mais acesso à rede significa maior acesso a diferentes recursos com indexação desconhecida, e a gente não pode pesquisar com eficiência ou eficácia usando uma terminologia pouco familiar. Desenvolvemos serviços de recomendação de termos de pesquisa que sugeriam quais termos usar ao pesquisar em recursos desconhecidos.

Outro grupo com quem colaborei foi a Iniciativa do Atlas Cultural Eletrônico. Esta é uma parceria informal que tenta desenvolver e promover o uso mais eficaz das referências geográficas e de períodos históricos, quando se pesquisa nas ciências humanas e sociais, usando inteligência artificial.

4 ANATOMIA COMPARADA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E PÁSSAROS MORTOS COMO DOCUMENTOS

Voltando à Escola de Biblioteconomia de Berkeley como professor, continuei a cogitar sobre a mudança estratégica de uma escola de Biblioteconomia para uma escola de Ciência da Informação com múltiplas especialidades, e a necessidade de uma visão teórica coerente com isso. Na Escola acreditávamos que esse era um bom desenvolvimento na prática, mas não havia muita discussão sobre a teoria envolvida. Os professores estavam mais interessados nas suas especialidades do que em uma visão geral coerente. O que exatamente estávamos fazendo? Construíamos especialidades, mas

devíamos fazer mais que isso. Assim que tomei um tempo para pensar como se deveriam relacionar a Ciência da Informação múltiplas especialidades em diferentes contextos sociais. Comecei com os serviços de biblioteca: como cada aspecto do serviço de biblioteca está conectado com as outras funções da biblioteca, e como se relacionam com o seu contexto social, econômico e político? Havia poucos livros sobre esse tema, assim que escrevi um livro que



Figura 5 - A coleção de aves mortas no Museu de História Natural, no centro do campus de Berkeley. Fonte: Arquivos pessoais.

chamei de “Serviços bibliotecários em teoria e contexto” (BUCKLAND, 1983) e, posteriormente, lancei uma segunda edição com algum material extra em 1988. O objetivo era olhar para a CI como um todo, isto é, as ideias sobre a disciplina e também todas suas especialidades práticas. Como se conectam umas com as outras. Pensei nisso como uma "anatomia comparada". Nos animais, você pode ver que uma vaca e um cavalo não são o mesmo e os zoólogos estão interessados em como eles são parecidos e diferentes ao mesmo tempo. Decidi tentar essa abordagem com diferentes serviços de informações baseados em coleções: bibliotecas, arquivos, bancos de dados e o gerenciamento de registros nas organizações. Queria incluir museus, não

os catálogos dos museus, mas os próprios objetos coletados pelos museus. Nos anos de 1980, a linguagem, a terminologia e os conceitos da CI não eram adequados para a inclusão de objetos de museu. Mas eu precisava obter uma resposta para terminar meu livro, e a resposta veio de pássaros mortos!

No início de 1988, visitei um museu de história natural no centro do campus de Berkeley, onde vi uma coleção de pássaros mortos. Em Berkeley o

espaço é extremamente escasso e no centro do campus estava esta grande coleção de pássaros mortos. Parecia ilógico usar espaço valioso para pássaros mortos. Não era racional! Mas quando algo parece não ser racional, a explicação geralmente é que há uma lógica, mas você a desconhece. Então, qual poderia ser a razão para ter uma coleção de aves mortas no meio do campus de Berkeley? Por que usar um espaço valioso para armazenar pássaros mortos? Eu sou bibliotecário, então achei que era um recurso pedagógico, para ensino de alunos, para os professores e pós-graduandos fazer suas pesquisas, igual que os livros na biblioteca. Os pássaros mortos eram um entremeio entre a fotografia de um pássaro e um pássaro vivo. Eram mais informativos que uma foto e mais práticos que um pássaro vivo. Então ficou claro: os pássaros mortos tinham a mesma função que os livros em uma biblioteca. Eles eram documentos funcionais! Com essa ideia eu completei meu livro.

Depois disso, fui para a Austrália e conversava com todo mundo sobre os pássaros mortos como documentos, até que um amigo me deu um texto para ler. Era a minha ideia sobre pássaros mortos, descrita por uma bibliotecária francesa quarenta anos antes. Suzanne Briet (1894-1989) já havia publicado a mesma ideia. A diferença era que, em vez de aves mortas em um museu, ela escreveu sobre um antílope em um zoológico, mas foi a mesma ideia. Ela disse que o antílope em um zoológico era um documento: você o estuda e você pode aprender com ele; você faz pesquisas sobre ele, você pode catalogá-lo. Em adição ao livro “Informação e Sistemas de Informação” (BUCKLAND, 1991a), escrevi um artigo apresentando as ideias de Briet: “Informação como coisa” (BUCKLAND, 1991b). Como ela tinha antecipado o conceito, usei o antílope como exemplo em vez dos meus pássaros mortos. Muitos leram e citaram este artigo. Suzanne Briet foi uma das primeiras mulheres a se tornar bibliotecária na Biblioteca Nacional Francesa, a *Bibliothèque Nationale*, e teve ideias interessantes. Escreveu um manifesto bem provocador, “O que é documentação?”, mas ninguém parecia se lembrar dela na França ou fora da França.

Ler o manifesto de Briet me inspirou a procurar outros pioneiros esquecidos. Tornei-me um entusiasta da arqueologia de ideias esquecidas na Ciência da Informação. Provavelmente você ouviu falar de Paul Otlet (1868-1944). Ele foi um dos fundadores da Federação Internacional de Documentação e um dos criadores da Classificação Decimal Universal. Mas há vinte anos ele tinha sido praticamente esquecido, então escrevi sobre ele. E depois, encontrei um comentário bem interessante em um texto que falava sobre um mecanismo de busca eletrônico que foi desenvolvido na Alemanha em 1930, por um homem chamado Emanuel Goldberg. Ninguém sabia nada dele, então eu fiz trabalho de detetive no meu tempo livre por vários anos. Quem foi Emanuel Goldberg? Era russo. Um judeu na Rússia czarista, caracterizada por um forte antissemitismo; assim ele deixou a Rússia e foi para a Alemanha, onde mais tarde encontrou mais antissemitismo. Foi sequestrado por nazistas e se tornou refugiado (BUCKLAND, 2006). Outro pioneiro foi Lodewyk Bendikson (1875-1953), que fez um interessante trabalho sobre técnicas fotográficas em documentação (BUCKLAND, 2012a).

Em 2004, decidi que ter ficado trabalhando como empregado por quarenta anos era mais que suficiente, e me aposentei. Mas um professor pode se tornar professor emérito, o que significa que você pode continuar a fazer o que quiser, mas não precisa fazer o que não deseja. Continuei a refletir sobre a natureza dos serviços de informação. Se a CI está preocupada com o que as pessoas sabem (por exemplo, o que as pessoas acreditam), então a CI deve necessariamente ser uma forma de engajamento cultural, e o desenvolvimento de serviços de informação é um tipo de design social. Resumi essas ideias em um artigo: “Que tipo de ciência pode ser a CI?” (BUCKLAND, 2012b). E um pequeno livro recente para não especialistas: Informação e sociedade (BUCKLAND, 2017).

Neste momento, tenho dois projetos: continuei a pensar no antílope de Suzanne Briet e na sua ideia de um animal em um zoológico como documento. O eminente bibliografista Donald McKenzie escreveu que a bibliografia deveria ser desenvolvida para incluir todas as mídias que denotam algo, incluindo

paisagens culturalmente significativas. Seu exemplo foi uma pedra no deserto australiano, associada a lendas aborígenes. Se aceitarmos o antílope e a pedra aborígene como documentos, quais são as consequências práticas e teóricas disso?

Meu outro projeto examina os esforços dos bibliotecários dos EUA para melhorar o serviço de biblioteca no Japão durante a ocupação aliada após a Segunda Guerra Mundial. O Japão tem uma história e cultura muito interessante. Eles são muito bons em fazer livros, mas seus serviços de biblioteca não são tão bons. Durante a ocupação aliada após a Segunda Guerra Mundial, entre 1945 a 1952, Robert Gitler fundou na Universidade de Keio, em Tóquio, o primeiro programa de nível universitário no Japão para treinar bibliotecários. Ajudei-o a escrever suas memórias, publicadas em 1999, e fiquei interessado no resto da história (GITLER; BUCKLAND, 1999). Por que ele foi bem sucedido? Quem o ajudou? Descobri que havia uma forte ligação com a Califórnia e com a minha escola em Berkeley.

5 CONCLUSÃO: QUAL É A IMPORTÂNCIA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO?

Vou terminar com três comentários:

1. A Ciência da Informação é importante e o seu programa em Belém do Pará, Brasil, é importante porque o que as pessoas sabem ou não sabem é importante. É perigoso e ineficiente ser ignorante. É um problema para todos quando os indivíduos são ignorantes. Você quer um médico que ignora novos tratamentos médicos? Ou um advogado que não conhece as últimas leis? Ou um mecânico de automóveis sem manuais? Não! Você quer que seu dentista, políticos eleitos, professores, burocratas e todos tenham as melhores e mais recentes informações. Planejamento e coordenação eficazes dependem do fato dos indivíduos estarem bem informados. Os programas em CI estão diretamente interessados em capacitar os indivíduos para saberem o que precisam saber. A CI é engajamento social. É por isso que seu programa de CI e todo programa de CI é importante.

2. Enfrentar este ou qualquer outro problema significativo na sociedade é complicado. Portanto, devemos usar todos os métodos e técnicas que possam ser úteis. Às vezes as pessoas enfatizam em excesso que a CI é “interdisciplinar”, mas isso é um erro, porque nossas origens individuais não é o que importa. O importante é manter o foco no futuro, não no passado. Nosso objetivo é capacitar todos a se tornarem mais informados e menos ignorantes. Para fazer isso, devemos trabalhar juntos usando todas as técnicas e ideias que possam ser úteis. Devemos ser uma equipe metodologicamente versátil, com uma missão compartilhada, trabalhando juntos em problemas complexos, mas interessantes. Se você quiser falar sobre disciplinas, você pode dizer que a CI é uma “superdisciplina” baseada em todas as outras disciplinas, conforme necessário.

3. Também é importante que, como estudantes e professores, façamos perguntas profundas e complexas. Os pesquisadores, especialmente os estudantes de pós-graduação, devem tentar fazer perguntas significativas em que as respostas possam fazer a diferença. Estes temas são geralmente difíceis, mas interessantes.

Tanto os indivíduos quanto a sociedade precisam da CI e talvez seja essa a razão pela qual ainda estou neste campo. Até agora, não encontrei um campo mais interessante. Estou contente com este.

REFERÊNCIAS

BUCKLAND, Michael K. **Book availability and the library user**. New York: Pergamon Press Inc., 1975. Disponível em: <https://goo.gl/DA7D3A>.

BUCKLAND, Michael K. **Library services in theory and context**. Berkeley: Berkeley Digital Library SunSITE, 1983. Disponível em: <https://goo.gl/mpWZY0>.

BUCKLAND, Michael K. **Information and information systems**. New York: Greenwood Press, 1991a.

BUCKLAND, Michael K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, [s. l.], v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991b. Disponível em: <https://goo.gl/z8cXMj>.

BUCKLAND, Michael K. **Redesigning library services: a manifesto**. Berkeley: American Library Association, 1992. Disponível em: <https://goo.gl/2PPw7S>.

BUCKLAND, Michael K. **Emanuel Goldberg and his Knowledge Machine: Information, Invention, and Political Forces**. Westport: CT: Libraries Unlimited, 2006.

BUCKLAND, Michael K. Lodewyk Bendikson and photographic techniques in documentation, 1910-1943. In: CARBO, Toni; HAHN, Trudi Bellardo (Eds.). **International perspectives on the history of information science and technology worldwide, Baltimore**. Medford, NJ: Information Today, 2012a. p. 99-106.

BUCKLAND, Michael K. What kind of science can information science be? **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [s. l.], v. 63, n. 1, p. 1-7, 2012b.

BUCKLAND, Michael K. **Information and society**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2017.

GITLER, Robert L.; BUCKLAND, Michael K. **Robert Gitler and the Japan Library School: An Autobiographical Narrative**. Lanham, Maryland: Lanham, Md. : Scarecrow Press, 1999.

THE NATURE OF INFORMATION SCIENCE AND WHY IT IS IMPORTANT FOR SOCIETY. LECTIO INAGURALIS 2018 AT THE POST-GRADUATE IN INFORMATION SCIENCE, FEDERAL UNIVERSITY OF PARÁ (UFPA), BRAZIL

ABSTRACT

Introduction: Professor Michael Buckland gave a lecture at the post-graduation in Information Science at the Federal University of Pará, Brazil, in December 12th of 2017.

Objective: In his lecture, professor Buckland told how he became a librarian and the lessons from his management experiences at the University of Lancaster, Purdue University and the University of California. He commented the way in which he developed a 'comparative anatomy of Information Science' and how a collection of dead birds inspired his work about 'Information as thing', that became a classic for all scientists in the field. He also explained his decision to rescue forgotten historical figures in the area: Suzanne Briet, Emanuel Goldberg, and Lodewyk Bendikson.

Methodology: Professor Buckland's exposition used his biography as a tool to explain his observations in respect to management in the area of information systems and libraries, his theoretical proposals, and his position about the role of Information

Science in society. **Conclusions:** To close, professor Buckland made a reflection about the social importance of Information Science and its impact in producing a society with awareness about information quality and its lack of it, in regard to significant problems.

Descriptors: Information Science. Michael Buckland. Librarian. Brazil. Management.

LA NATURALEZA DE LA CIENCIA DE LA INFORMACIÓN Y SU IMPORTANCIA PARA LA SOCIEDAD. LECTIO INAGURALIS 2018 EN EL POSGRADO EN CIENCIA DE LA INFORMACIÓN DE LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE PARÁ (UFPA), BRASIL.

RESUMEN

Introducción: El profesor Michael Buckland profirió una conferencia en la post-graduación en Ciencias de la Información de la Universidad Federal do Pará, Brasil, en diciembre 12 de 2017. **Objetivo:** En su conferencia, el profesor Buckland contó cómo se convirtió en bibliotecario, y las lecciones aprendidas de su gestión en la Universidad de Lancaster, la Universidad de Purdue y la Universidad de California. Comentó la forma en que desarrolló una “anatomía comparada de la ciencia de la información” y cómo una colección de pájaros muertos inspiró su trabajo sobre “La información como una cosa”, que se convirtió en un clásico para todos los científicos del área. También explicó su decisión de rescatar figuras históricas olvidadas en el área: Suzanne Briet, Emanuel Goldberg, Lodewyk Bendikson. **Metodología:** La exposición del profesor Buckland utilizó su biografía como una herramienta para explicar sus observaciones al respecto de la gestión en el área de sistemas de información y bibliotecas, sus propuestas teóricas, y su posición respecto del papel de la Ciencia de la Información en la sociedad. **Conclusiones:** Para cerrar, el profesor Buckland hizo una reflexión sobre la importancia social de la Ciencia de la Información y su impacto en la construcción de una sociedad con conciencia sobre la calidad de la información y los efectos de su falta, a respecto de problemas significativos.

Descriptores: Ciencias de la información. Michael Buckland. Bibliotecario. Brasil. Gestión.